

INCLUSÃO NA INFÂNCIA: NADA DO CORPO, SEM MEU CORPO¹

Sára Maria Pinheiro Peixoto,

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Ana Aparecida Tavares da Silveira,

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Maria Aparecida Dias,

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Apresentamos um recorte de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi realizar uma proposta de intervenção junto aos professores da Educação Infantil, frente a compreensão de corpo como lugar de aprendizagem das crianças com deficiência, sob os fundamentos epistemológicos de Merleau-Ponty. Tivemos como metodologia a pesquisa-ação colaborativa, na qual procuramos falar de um corpo que é mais que funcional e o biológico visível, mas um corpo que é mais que isso, considerando as experiências de sentido e significado que passam por ele, inclusive sua aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; criança; deficiência.

ABRINDO ESSA CONVERSA - APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS

O processo de inclusão tem ganho cada vez mais espaço em nosso contexto social, logo, e com isso, as escolas devem se organizar frente às políticas públicas, no intento de garantir o acesso e a permanência das crianças com necessidades específicas e/ou deficiência no contexto escolar.

Com a implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), com a ideia de equidade de oportunidades, as crianças com deficiência ganham visibilidades nos espaços escolares. Ao se matricularem na rede regular de ensino, nós professores tivemos que aprender a trabalhar com processos inclusivos em busca da compreensão das especificidades de cada grupo.

Por ora, as crianças com deficiência adentrando o espaço educativo, e enquanto formadora de professores, percebíamos as dificuldades em suas práticas pedagógicas em desenvolver atividades inclusivas que atendessem a este público. Muitas vezes, partiam do

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



entendimento que incluir era apenas proporcionar à criança com deficiência as mesmas atividades da rotina do espaço educativo de cunho pedagógico, e quando precisavam desenvolver atividades de qualquer manifestação corporal, a criança com deficiência ficava excluída das atividades vivenciadas.

Deste modo, fazendo parte da rotina de uma instituição da infância, observando as crianças com deficiência no momento da roda, no parque, nas brincadeiras livres, começamos a perceber que a criança com deficiência ficava a parte das atividades, dos momentos de interação, ficando por vezes, isoladas brincando sozinhas junto a sua estagiária ou adulto de apoio.

Assim, buscando suprir as demandas postas a inclusão das crianças com deficiência na educação infantil, bem como as necessidades profissionais em perceber o corpo nesse processo, foi realizada uma pesquisa de mestrado intitulada “O Corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil”.

A pesquisa mostrou que a dificuldade em trabalhar a corporeidade da criança com deficiência pautava-se na compreensão de um corpo em aspecto físico e biológico, na qual a deficiência sobressai ao sujeito, por isso os professores o veem como um corpo submisso e frágil, e com isso, não se sentiam seguros em trabalhar esse corpo. Neste sentido, buscamos romper com esses conceitos dualistas, sob essas concepções cartesianas de que corpo é apenas um corpo. Mas, afinal que corpo é esse que tanto discutimos aqui?

Versamos sob a acepção de um corpo que vai além de sua estrutura física e biológica. Tratamos de um corpo que não é separado do sujeito pensante e que por sua vez, considera toda a sua existência. Para um melhor entendimento Goellner (2007, p.29), nos traz a seguinte afirmação

[...] um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos. Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Considerando a situação apresentada e não desfavorecendo a visão bio e fisiológica do corpo, mas buscar compreender o corpo como resultado das interações entre o biológico e o





cultural, o vivido e o sentido, constituindo toda a existência e vivência de afetos, valores, histórias. Assim podemos dizer que falar de corpo é também falar das histórias e experiências de mundo vivenciadas pelos sujeitos. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Desta forma, a proposta de intervenção foi sistematizada por meio de 08 oficinas sob diversas temáticas envolvendo atividades lúdicas, brincadeiras, vídeos, estudos, diálogos, desenhos e vivências corporais, que além de um momento formativo, fosse também, um momento prazeroso fazendo a interface entre corpo, criança, deficiência e aprendizagem. Posto isso, apresentamos o recorte da nossa 4ª oficina intitulada como “Deixe o corpo falar”, cujo objetivo era vivenciar os conceitos de expressão, percepção e subjetividade e compreender esse corpo como meio de interação.

O CORPO E A CRIANÇA

Merleau-Ponty (1999), nos apresenta em seus estudos que somos sujeitos integrais no mundo, e que nos formamos sujeitos quando estabelecemos interações com o meio, e nessas interações nos constituímos corpos pensantes e aprendentes. Desse modo, a criança com deficiência, independente de sua limitação, não pode ficar de fora desse processo, é um corpo aprendente como qualquer outro que apesar de suas limitações, tem seu ritmo próprio e suas especificidades.

O autor nos assegura ainda que a criança em sua ludicidade e no contato com o seu corpo, passa a tê-lo como elemento de interação do seu mundo, com o mundo do outro, logo contribui para sua aprendizagem. Com isso, afirmamos que o corpo precisa ser considerado na troca de experiências, da expressividade, da criatividade, sensibilidade e afetividade. Logo, as crianças com deficiência precisam viver suas próprias experiências, ora mediadas pelos seus pares, ora livremente, explorar o seu conhecimento de mundo e aos poucos irem ampliando suas experiências. Assim, elas precisam ser encorajadas a viverem sua corporeidade e se firmarem enquanto sujeitos aprendentes no meio em que estão inseridas.

Le Breton (2007), nos diz ainda que não devemos tornar o corpo da criança com deficiência mais um espaço de exclusão, seu corpo precisa estar no centro desse processo, como espaço de vínculos e afetos consigo e com o outro, com o seu entorno, mediado pelo adulto.



DIALOGANDO COM A METODOLOGIA

Para à realização da proposta de intervenção, optamos pela pesquisa qualitativa, pelo viés da pesquisa-ação colaborativa, como ferramenta para a realização das oficinas pedagógicas, promovendo reflexão das práticas e a transformação das mesmas (IBIAPINA, 2008).

Contamos com a participação de 15 sujeitos, a saber: 02 diretores, 01 coordenador pedagógico, 06 professores da Educação Infantil e 06 estagiários. A oficina “Deixa o corpo falar”, buscou levar os professores a se conhecerem primeiramente, terem contato com seu corpo, para entender como trabalhar com o corpo das crianças. Assim, teve uma duração de 2 horas se estruturando da seguinte forma: a) entrega do portfólio; b) vivência corporal 1; c) exploração de imagens; d) vivência corporal 2; e) cubo da percepção; f) avaliação; g) encerramento.

A oficina oportunizou aos sujeitos vivenciarem o seu corpo, explorar suas subjetividades e percepções. Neste sentido, fazer a pesquisa-ação colaborativa, foi promover inquietações sobre as práticas docentes, como também a troca de saberes entre os sujeitos e que essas reflexões pudessem ser reverberadas em suas ações docentes.

DIALOGANDO COM OS RESULTADOS

Durante a realização da oficina, várias situações foram problematizadas e mediadas pela pesquisadora para atingirmos os objetivos propostos. Deixar o corpo falar, intitulado muito bem essa oficina, uma vez que, muitas vezes silenciámos o nosso corpo, por medo, limitações e por não nos conhecermos. Com isso, precisávamos levar os professores a esse autoconhecimento e não poderíamos fazer isso sem viver esse corpo e assim, estabelecer uma relação com os conceitos apreendidos e temáticas das oficinas anteriores considerando o corpo, aprendizagem e o processo inclusivo dessas crianças.

Na atividade do ‘Cubo da percepção’, trabalhamos com objetos inusitados que não faziam parte do dia a dia e os professores tinham que explorar esses objetos de olhos vendados e depois na forma vidente. Esta atividade foi bastante interessante para mostrar aos nossos sujeitos que só podemos falar daquilo que conhecemos. O trecho do Diário de Campo da pesquisadora, revela muito bem essa relação da percepção e experiência com os objetos retirados:

[...] A cada objeto estranho retirado, era notório pelo semblante dos sujeitos a falta de conhecimento e de experiência com os objetos retratados;
[...] Quando a calcanheira foi retirada pela Professora Verde Limão, esta, disse não saber do que se tratava, no entanto, a professora Laranja, imediatamente assinalou que conhecia a calcanheira porque durante sua infância viu sua avó usar por muito tempo;
[...] A professora Preto retirou uma faixa elástica que se utiliza em treinos de Ginástica Rítmica, esta apesar de não ter tido contato, nos assinalou que se tratava de uma faixa de fisioterapia, pois era bem parecida com a faixa que usou quando precisou fazer fisioterapia no joelho;
[...] A professora Amarelo retirou a haste de uma flauta, mas como não conhecia o objeto arriscou dizendo que era uma agulha de tricô, por ter visto em sua infância sua mãe utilizar bastante [...] (PEIXOTO, 2018).

Essa relação também se materializa em nosso corpo, ele age da mesma forma, somos sujeitos, cada qual com suas histórias, marcadas por meio de nossas experiências com o mundo vivido, assim, o corpo só passa a ser compreendido se for vivido.

Esse momento formativo foi muito significativo para os professores, uma vez que nossos sujeitos apresentaram dúvidas, inquietações e reflexões sobre o corpo. Promovemos inquietações sobre as práticas docentes, como também a troca de saberes entre os sujeitos e que essas reflexões pudessem ser reverberadas em suas ações docentes.

FECHANDO ESSA CONVERSA - APONTAMENTOS FINAIS

Vimos que o corpo é indispensável para a aprendizagem e o que vemos muitas vezes, o corpo fica fora dessa ação. A oficina mostrou a importância de dar escuta a esse corpo na escola, sob o enfoque que o corpo é tudo aquilo que se vive.

Nos fundamentos do filósofo Merleau-Ponty (1999), concebemos que o professor precisa sensibilizar sua prática pedagógica por caminhos que considere o corpo em movimento e não o movimento do corpo, considerando o sujeito e sua relação com outrem, com o mundo.

Neste percurso, procuramos promover uma atitude crítica e reflexiva sobre a própria prática, promovendo o diálogo, trocas de experiências, permeando sempre a ação-reflexão do fazer docente, tendo o corpo da criança com deficiência e sua aprendizagem o centro de nossa investigação através da realização de oficinas pedagógicas.

A criança precisa vivenciar seu corpo de forma lúdica e na escola quem oportunizará essas experiências seremos nós professores. Não precisamos dizer a elas como devem ser,

deixemos nossas crianças manifestarem a sua liberdade de expressão, criação e o corpo faz parte disso. A criança só irá adquirir consciência do seu corpo vivenciando-o nas mais diferentes situações e relações.

Esse corpo não pode ficar parado aquém das atividades coletivas e interativas promovidas em sala de aula, precisa ser estimulado de todas as formas possíveis, é através da ludicidade que poderemos contribuir nessa função motivadora, prazerosa, desafiadora, de descoberta, promovendo a autoconfiança, autonomia, maior percepção sobre si e sobre o outro, trazendo elementos extremamente indispensáveis à sua aprendizagem.

Precisamos que nossas crianças nos mostrem quem são, deixemos de lado a escuta auditiva e passemos a desenvolver a escuta do olhar, dos movimentos, dos diversos corpos distintos que estão presentes em uma sala de aula, porque afinal a criança precisa experimentar o mundo vivido para construir suas próprias percepções.

INCLUSION IN CHILDHOOD: NO BODY, NO MY BODY

ABSTRACT

We present an excerpt from a master's research, whose objective was to carry out an intervention proposal with the teachers of Early Childhood Education, facing the understanding of the body as a place of learning for children with disabilities, under the epistemological foundations of Merleau-Ponty. We used collaborative action research as a methodology, in which we try to talk about a body that is beyond the functional and the visible biological, but a body that is more than that, considering the experiences of meaning and meaning that pass through it, including learning.

KEYWORDS: *body; kid; deficiency.*

INCLUSIÓN EN LA INFANCIA: SIN CUERPO, SIN MI CUERPO

RESUMEN

Presentamos un extracto de una investigación de maestría, cuyo objetivo fue realizar una propuesta de intervención con los docentes de Educación Infantil, enfrentando la comprensión del cuerpo como lugar de aprendizaje para niños con discapacidad, bajo los fundamentos epistemológicos de Merleau-Ponty. Utilizamos la investigación acción colaborativa como metodología, en la que intentamos hablar de un cuerpo que está más allá de lo funcional y lo biológico visible, pero un cuerpo que es más que eso, considerando las experiencias de sentido y sentido que lo atraviesan, incluyendo su aprendizaje.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

PALABRAS CLAVES: cuerpo; niño; deficiencia.

REFERÊNCIAS

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.17-51.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa Colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber, 2008.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo.** 2ª ed. Tradução de Sonia M.S. Furhmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2016.

PEIXOTO, S.M.P. **O corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down:** uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil. 2019. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, UFRN, Natal, 2019.

